

# HÉRCULES FLORENCE E SAMPAIO PEIXOTO: PIONEIROS DA PINTURA EM CAMPINAS

Duílio BATTISTONI FILHO  
(Professor do Instituto de Artes e Comuni-  
cações da PUCAMP)

O Brasil, com sua natureza tropical deslumbrante e o seu enorme exotismo, sempre atraiu os viajantes estrangeiros, notadamente os botânicos e zoólogos que aqui começam a desembarcar em grande número a partir do século XIX. Por outro lado, cresce também o número de pintores desejosos de retratar a prosperidade dos senhores rurais. Isso vinha ocorrendo no Rio de Janeiro e em outras cidades do país.

Com a expansão cafeeira no Oeste paulista e o conseqüente enriquecimento de muitos proprietários rurais, São Paulo e Campinas também se tornam centros de atração para esses pintores. Esta última, com a expansão das ferrovias, afigura-se como um importante pólo cultural, onde os fazendeiros ilustres, muitos deles titulares do Império, chegam a contratar artistas para retratá-los. Muitas telas desta época são conservadas por famílias cujos membros são descendentes daqueles aristocratas e também por associações beneficentes. É preciso destacar que, com a elevação dos titulares do Império, desenvolveu-se o uso do retrato a óleo, procedimento muito comum nos solares dos barões do café.

Pesquisando as origens da pintura em Campinas, constatamos como primeiro professor, na então Vila de São Carlos, o nome de Hércules Florence (1804-1879). Provingo de uma tradicional família francesa e amante das artes, seu tio, Arnaud de Vignallys, chegou à ganhar o primeiro prêmio de pintura outorgado pela Academia Francesa, assim como seu avô havia se dedicado, na mocidade, às artes plásticas. Vivendo no meio de artistas e quadros, era natural, portanto, que o rapaz se sentisse atraído para a pintura<sup>1</sup>.

Chegando ao Brasil com a idade de 20 anos foi imediatamente contratado como 2º desenhista na expedição científica chefiada pelo cônsul russo no Brasil, Barão de Langsdorff, que infelizmente fracassou. O objetivo desta expedição, que duraria três anos, era explorar o interior do Brasil, tendo por roteiro o interior de Mato Grosso e toda a bacia amazônica, até a sua foz. O primeiro desenhista da expedição, Amado Adriano Taunay, por uma fatalidade morre afogado e Hércules Florence assume tal função, legando-nos um diário riquíssimo de material iconográfico de enorme valor científico e histórico. A importância deste acervo é de tal magnitude que o historiador Afonso d'Escragolle Taunay, reconhecendo o seu valor, deu-lhe o título de "Patriarca da Iconografia Paulista".

Fixando residência na Vila de São Carlos, em 1830, a convite de seu sogro, Francisco Alvares Machado, muito contribuiria para o progresso de Campinas, graças ao seu pioneirismo e criatividade. Devemos a ele a introdução das Artes Gráficas, a Polygrafia, antecedendo em muito ao nosso mimeógrafo, e a Fotografia, cuja invenção já é reconhecida pelos organismos internacionais. E mais, foi o criador da Imprensa quando monta uma tipografia e dirige o primeiro jornal da região, a *Aurora Campineira*.

Entretanto, para o nosso trabalho, Hércules Florence merece ser lembrado por ter sido o primeiro a se dedicar ao ensino do desenho em Campinas. Notícias e informações da época nos contam que era mediocre homem de negócios, daí exercer o magistério, dando aulas particulares de pintura e, mais tarde, integrando o corpo docente do Colégio Florence, fundado por sua segunda esposa, d<sup>a</sup> Carolina Krug Florence, em 1863, dedicado exclusivamente às meninas, futuras damas da sociedade campineira.

O seu método de ensinar, podemos deduzir, era calcado no modelo neoclássico com alguns lampejos do romantismo, dominantes na ocasião. Sabemos que deixou uma série de estudos, principalmente aquele relacionado com as nuvens, de forte influência inglesa, sobretudo de William Turner e que serviria de inspiração para outros artistas.

Muitos de seus desenhos seriam utilizados por renomados pintores nacionais. Lembraríamos "A bênção das canoas" que inspiraria a Almeida Júnior com a sua tela "A Partida das Monções". Igualmente Benedito Calixto fez uma cópia do óleo "O Imperador entrega o prêmio na cavalcada em 1846". Visitando Campinas em 1875, o Imperador D. Pedro II fez questão de conhecer pessoalmente o Hércules e a sua obra. Um dos muitos retratos de personalidades da época pintados por ele, destacamos o do sr. Miguel Ribeiro de Camargo, feito a guache, considerado o mais antigo de Campinas e que faz parte do acervo do Museu Arquidiocesano de Campinas<sup>2</sup>.

Vale lembrar que todas as associações artísticas brasileiras seguiam como padrão de ensino a Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro, voltada para o academicismo neoclássico, atendendo, assim, aos interesses da burguesia agrária, da monarquia brasileira e especialmente da aristocracia cafeeira, longe, portanto, da autenticidade da época colonial barroca.

Uma das figuras mais importantes do cenário artístico campineiro da segunda metade do século XIX e primeira do atual, foi Antonio, Carlos de Sampaio Peixoto e, como diríamos hoje, um misto de empresário e artista.

Nascido em Campinas a 15 de março de 1836, filho único do dr. Antonio Joaquim de Sampaio Peixoto<sup>3</sup> e de d<sup>ª</sup> Maria do Carmo da Silva Leite. Era desejo de seu pai que se formasse em Direito, mas o jovem não demonstrara nenhuma aptidão para o estudo das Leis, pois o seu sonho eram as Belas Artes e a Mecânica<sup>4</sup>.

Chamado na intimidade de "Sampainho", casou-se em 1855 com a senhorita Luíza Carolina da Silva Pontes, retirando-se a seguir para a fazenda do sogro, o comendador Joaquim Egydio de Souza Aranha, Conde de Três Rios, onde permaneceu durante seis anos, dedicando-se aos trabalhos da lavoura.

Todavia, não se acostumando às labutas do campo, retornou à cidade, em 1861, onde se fez empreiteiro de obras, tendo construído o Cemitério das Almas. Um ano mais tarde, ao lado do botânico Correa de Melo, participou de uma comissão nomeada pela Municipalidade, encarregada de executar os reparos na cadeia local.

Em 1864, com a retirada de Vitoriano dos Anjos dos trabalhos de entalhe da Matriz Nova, adveio uma grave crise administrativa, culminando na exoneração do dr. Luís Silvério Alves Cruz, diretor geral das obras. O notável homem público de Campinas, Joaquim Bonifácio do Amaral, Visconde de Indaiatuba, convence "Sampainho" a aceitar a direção dos trabalhos da construção da futura Catedral, que prontamente aceitou.

Ao assumir o cargo, imediatamente seguiu para o Rio de Janeiro com o propósito de contratar um grupo de entalhadores, tendo à frente o artista fluminense Bernardino de Sena Reis e Almeida que, em dois anos, esculpiu os altares laterais e a capela do Santíssimo Sacramento.

Finda a obra de talha, Sampaio Peixoto voltou ao Rio de Janeiro a fim de contratar o eminente arquiteto dr. Carlos Romieu que desenhou a fachada da Igreja, compondo assim uma bela torre assíria imponente e majestosa.

Nesta ocasião, procedeu-se a uma escavação nos alicerces e subitamente as colunas externas desabaram, ocasionando a morte de cinco operários que trabalhavam no local e ferimentos em outros que ali estavam. Tal acidente chocou Sampaio que, diga-se de passagem não teve culpa alguma, visto que o terreno estava úmido face às fortes chuvas que caíram naquele janeiro de 1866. Entretanto, as obras continuaram mas sem aquele entusiasmo de antes, ainda mais com o agravamento da guerra do Paraguai, acontecimento que paralisaria o país. Em vista desta situação e a rejeição de um pedido para novos empréstimos, Sampaio pediu demissão<sup>5</sup>.

Em 1867, dedica-se a uma nova atividade, isto é, monta a primeira Olaria de Campinas para fabricar tijolos que substituiriam o pau a pique, servindo-se de uma patente industrial inglesa, Clayton. Estava situada na baixada do Cambuí, nas proximidades do córrego Proença e, segundo Celso Maria de Melo Pupo, a primeira residência construída com estes tijolos foi a de Francisco de Paula Bueno, localizada na rua Barreto Leme, entre dr. Quirino e Sacramento, ostentando no alto do portão principal uma grade majestosa<sup>6</sup>. O estabelecimento de Sampaio foi distinguido pelo Imperador D. Pedro II, com o título de Imperial Olaria.

Mais tarde, dado o seu enorme desejo de progresso, instalou uma Oficina Mecânica ao lado da Olaria, chegando a ampliá-la com a criação de uma Fundição de ferro e bronze. José Maria Lisboa no seu precioso *Almanack de Campinas para 1872* dá detalhes importantíssimos sobre produção e comercialização desta, afirmando também que os maiores fazendeiros da região eram seus fregueses, entre eles, o Barão de Atibaia.

Passando por Campinas, em 1872, o célebre industrial belga, Joseph Van Balle, visitou a Imperial Olaria e Fundição de Ferro e publicou suas impressões na *Gazeta de Campinas* onde teceu os maiores elogios àquela "que por seu arranjo não fica aquém de nenhum estabelecimento deste gênero no país"<sup>7</sup>.

Em 1885, por circunstâncias várias e imprevistos da sorte, é obrigado a fechar o seu estabelecimento para dedicar-se a outras atividades, dentre elas, a Pintura e a Música. Chegou mesmo a colocá-las acima de outras ocupações. Convidado pelo cônego Scipião Junqueira, pároco da Matriz Nova, foi organista neste templo durante dois anos, quando num trabalho beneditino limpou todos os tubos do órgão que se achavam sujados.

Neste mesmo ano realiza-se em Campinas um Exposição Regional dividida em duas partes: a primeira, localizada no palacete do sr. Próspero Belenfanti, reunia os pavilhões Lidgerwood e Mac-Hardy, firmas conceituadas no ramo da fundição; a segunda, o "Chalet dos Construtores",

na praça do Rosário, enorme pavilhão de madeira de estilo mourisco, obra de Ramos de Azevedo. Pois bem, neste Chalet foi organizada a primeira exposição de trabalhos artísticos em Campinas, com a participação de arquitetos, escultores, desenhistas e pintores.

Sampaio Peixoto, que participaria da exposição ao lado de consagrados artistas, expôs vários trabalhos como retratos a crayon de Francisco Glicério, Vitor Hugo, Santana Gomes, Augusto Cesar do Nascimento e Egydio de Sousa Aranha; uma série de aquarelas em papel de arroz representando pássaros, flores e borboletas e um quadro de ferro fundido alusivo à Ceia de Cristo, executado em 1870.<sup>8</sup>

A partir desta Exposição, a vida artística de Campinas passa a ter um grande impulso. Compulsando os jornais da época, verificamos o grande número de artistas que aqui passam temporadas, executando serviços por encomenda e ministrando aulas de pintura aos interessados. É justo lembrar alguns deles, como Francisco Piereck, especialista em retratos como os do Barão de Itapura e Joaquim Corrêa de Melo, formado pela Academia de Viena e contratado pelo fotógrafo sueco, radicado em Campinas, Henrique Rosen; Claude Barandier, pintor francês que, visitando a cidade em 1865, retratou fazendeiros ilustres como o Barão de Atibaia e a série "Paixão de Cristo". Também contribuiu para a divulgação da pintura Salvador Escolá, pintor italiano, autor dos retratos da Viscondessa de Campinas e o do Barão de Três Rios, assim como o espanhol José Maria Vilaronga, que pintou o pano de boca do Teatro São Carlos e fez a decoração da Loja Independência, à qual pertencia.<sup>9</sup>

Cumpre destacar que esta arte era acadêmica, sensível à elite local, em uma época em que a Europa estava engolfada em novas correntes estéticas como o romantismo, o realismo e os albores do impressionismo.

As exposições de pintura eram realizadas em vitrines de renomados estabelecimentos comerciais, como a Casa Genoud e a Casa Livro Azul. Somente com a inauguração do Centro de Ciências Letras e Artes, em 1901, é que se tornaria uma espécie de "Salão Oficial" das exposições de Arte em Campinas.

Mas, apesar desta euforia, o meio era muito pobre e acanhado em relação às Artes, não acompanhando o progresso de outros centros. Em vista disso, Sampaio Peixoto foi ser professor de Desenho em Bragança Paulista, Jundiaí, Campinas e São Paulo, sendo que nesta última foi professor na Escola Normal "Caetano de Campos". Chegou a inventar um processo interessante de quadricular os modelos, recebendo fartos elogios das autoridades educacionais e da imprensa.<sup>10</sup>

Não abandonando propriamente a pintura, chegou a montar um ateliê na rua Barão de Itapetininga, em São Paulo, onde expunha os seus trabalhos. Seu estúdio era visitado por renomados artistas, dentre eles, o grande Almeida Júnior. Mas assim mesmo não ganhava nada com as suas obras e na crônica de Carlos Augusto Ferreira, o mesmo dizia que o artista "foi rico e hoje luta contra o destino que se lhe mostra adverso"<sup>11</sup>.

De toda sua obra, nada mais resta a não ser uma tela com o retrato de sua mãe, atualmente no Centro de Ciências, duas aquarelas em posse de sua família e a comentada "Ceia de Cristo", atualmente em poder das carmelitas, em Barão Geraldo. Muitas obras poderão estar espalhadas por aí ou em algum porão, pois o artista tinha o grave defeito de não assiná-las.

Passando os últimos anos de sua vida em São Paulo veio a falecer nesta cidade, em 1914. No dizer do historiador campineiro Celso Ferraz de Camargo, "legou à família a dignidade de sua vida e um nome aureolado pelo que realizou como cidadão e como artista"<sup>12</sup>.

#### Notas e referências bibliográficas

(1) MATOS, Sílvia. *O ensino das Artes Plásticas em Campinas*. Campinas, Ed. da Unicamp, 1988, p.5.

(2) Idem, p. 6.

(3) Natural de Jundiá (1804-1884). Formado pela Academia de Direito de São Paulo. Foi um dos mais brilhantes advogados do nosso Forum. Nomeado administrador das obras da Matriz Nova de Campinas, aumentou em muito a receita para a sua construção, sendo também responsável pela vinda à nossa cidade do célebre professor de entalhe, Vitoriano dos Anjos, escultor de inúmeros trabalhos no novo templo, entre eles, o altar-mor.

(4) FEITOSA, Miguel Alves. *Páginas contemporâneas*. Campinas, Typographia Casa Livro Azul, 1901, p. 219.

(5) RODRIGUES, João Lourenço. *A Catedral de Nossa Senhora da Conceição*. São Paulo, Gráfica Ave Maria, 1972, p. 38.

(6) PUPO, Celso Maria de Melo. Campinas, seu berço e juventude. Publicação da Academia Campinense de Letras, nº 20, 1969, p. 190.

(7) *A Gazeta de Campinas*, 14-03-1872.

(8) PEIXOTO, Antonio Carlos de Sampaio. *As Bellas Artes*. Typographia Nragantina, 1892, p. 90.

(9) NOGUEIRA, L. de A. *O pintor da corte do rei do café*. São Paulo, D. O. Leitura, nº 45, 1986, p. 5.

(10) *Correio Popular*, 06-09-1888.

(11) FERREIRA, Carlos Augusto. *Feituras e feições*. Campinas, Typographia Livro Azul, p. 288.

(12) CAMARGO, Celso Ferraz de. *O Estado de S. Paulo*, 11-07-1965.